

OS SÍMBOLOS DE UMA UTOPIA PARADISIÁCA EM Is 11,1-9

Omar João da Silva*

Resumo

Este artigo estuda e analisa exegeticamente uns dos textos mais emblemáticos e fascinantes da Bíblia. Trata-se da perícopes de Is 11,1-9. Neste estudo, vemos a perícopes como fonte de inspiração na luta contra aqueles que oprimem, subalternam, escravizam e dominam arbitrariamente e inescrupulosamente os fracos, os pobres, os desvalidos e os menos favorecidos, na esperança e aspiração do sonho de dias melhores, onde haverá justiça, retidão, equidade, segurança e paz.

Palavras-chave: YHWH. Ramo. Retidão. Justiça. Paz.

Abstract

This article studies and exegetically analyzes one of the most emblematic and fascinating texts of the Bible. This is the pericope of Is 11:1-9. In this study, we see the pericope as a source of inspiration in the fight against those who oppress, subordinate, enslave, and arbitrarily and unscrupulously dominate the weak, the poor, the underprivileged and the less favored, in the hope and aspiration of the dream of better days justice, righteousness, equity, security and peace.

Keywords: YHWH. Branch. Righteousness. Justice. Peace.

Introdução

A perícopes de Is 11,1-9, como bem declarou Schultz (2007, p. 71), é um dos poemas mais bonitos de toda a Bíblia, e por que não dizer da literatura mundial? A voz desse oráculo, que certamente ressoou nos tempos sombrios de sua época, ainda ecoa retumbantemente para os vislumbres e esperança dos dias hodiernos.

* Mestre em Ciências da Religião (UMESP) e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP), com especialização em Religião e Literatura do Mundo Bíblico sob a orientação do Prof. e Dr. José Ademar Kaefer. Bolsista Capes-taxa. E-mail: omar.adbelem@gmail.com

Neste trabalho, ocupar-nos-emos em analisar exegeticamente a perícope de Is 11,1-9. Para tal, dispomos uma proposta de tradução literal do texto hebraico, proposta de estrutura, delimitação, análise do gênero literário, coesão, estudo semântico e comentário textual.

Em nosso comentário, situamos a perícope no período em que o rei Ezequias atinge a maioridade, isto é, em 714-687 AEC, quando Judá já tinha sido transformada em um estado-vassalo do império neoassírio.

Apesar da beleza do texto, a perícope em análise apresenta críticas contundentes ao império assírio, à assimilação da ideologia assíria pelas elites jersalemitas, bem como uma crítica e rejeição à linhagem davídica, visto que o descendente (rebento/broto) não provém de Davi, antes, será *uma* das raízes de seu pai, Jessé.

A perícope em análise também é uma reminiscência à ideologia utópica do paraíso descrito em Gn 2, com importantes contrastes e variações, mas não só isso. Ela também traz para o futuro aspectos da liderança carismática da época dos juízes, quando o sistema governamental era o teocrático, de forma que os juízes, ou seja, os agentes humanos, eram o instrumento de YHWH, para promoverem libertação e salvação.

Por fim, a análise de nossa perícope mostra-nos que a implantação e o estabelecimento da justiça, da equidade e da paz, só podem ser possíveis pela presença de YHWH e pela dotação do seu *sopro* no rebento. A garantia que assegurará essa realidade é indicada no v. 9, quando o mal e toda forma de corrupção serão extirpados e extintos pelo conhecimento universal de YHWH.

A partir dos símbolos idealizados por Isaías, propomo-nos a fazer uma atualização para os nossos dias, pois também ansiamos e almejamos por um mundo melhor, consciente, justo, pacífico e igual.

Tradução

¹E sairá (um) ramo do tronco de Jessé, e (um) broto da raiz crescerá. ²E repousará sobre ele (o) sopro de YHWH, sopro de sabedoria e entendimento, sopro de conselho e força, sopro de conhecimento e temor de YHWH. ³E o cheirar dele, (será) em temor de YHWH, e não de aparência de seus olhos julgará, e não de escutar de ouvidos seus repreenderá. ⁴E julgará em justiça os pobres, e repreenderá em honestidade os pedintes da terra. E ferirá a terra com a vara de boca sua, e com o sopro de lábios seus matará o ímpio. ⁵E será justiça cinto de quadris seus, e a fidelidade cinto de lombos seus. ⁶E habitará (o) lobo com (o) cordeiro, e (o) leopardo com (o) cabrito deitará; e (o) bezerro e (o) leão jovem e gordo juntamente, e menino pequeno guiando neles. ⁷E (a) vaca e (o) urso pastarão juntos. Deitarão (os) filhos delas, e (o) leão como (o) boi comerá palha. ⁸E brincará a criança de mama sobre (o) buraco de serpente, e sobre (o) covil da víbora (como)

recompensa, mão sua esticará. ⁹Não farão mal, e não corromperão em todo monte de santo meu, porque encherá a terra do conhecimento de YHWH, como as águas sobre o mar cobrem.

Delimitação

A delimitação da perícopes em apreço é facilmente identificável. O verbo *Qal*, *w^oiatsa'* (e sairá), na 3ª pessoa do masculino singular mais *waw consecutivo*, além de iniciar um novo relato também descreve outro evento e tempo.

Os contrastes que divergem com Is 10, principalmente com os v. 1-23 e v. 28-31, são perceptíveis, ligados a mudanças de cenários e vertentes geográficas. Quanto ao salto temático, podemos verificar que, em Is 10,1-23.28-31, o cenário apresenta juízos, desolação, destruição e desterro (exceto os v. 24-27), enquanto em Is 11,1-9, mesmo com a presença de juízo para os ímpios, o quadro é totalmente oposto, isto é, toda a mensagem repousa sobre o tema da paz.

As mudanças geográficas também são notórias. Os oráculos de julgamento passam de Israel Norte, Judá e Jerusalém à Assíria e seu soberano até se centralizar no oráculo de salvação e restauração apenas *em todo monte santo meu* = *b^okol-har qad^oshy* (Is 11,9). Certamente uma referência a Sião, ou Reino do Sul (Judá) e à capital Jerusalém.

No entanto, o elemento mais notável de característica delimitadora de nossa perícopes é sua centralidade em YHWH e no rebento que, aliás, não é da dinastia davídica, mas de um descendente de Jessé, o pai de Davi. Na verdade, o rebento de Jessé é apenas um agente passivo da atividade ativa do sopro (*ruah*) de YHWH.

O versículo que encerra nossa perícopes (v. 9) parece atender aos anseios do redator/compilador. Toda a realidade do presente, isto é, de subalternização, opressão, destruição e injustiças de toda ordem, entre outras coisas, nada mais eram do que o resultado da falta do conhecimento de YHWH. Assim, o pleno conhecimento de YHWH não só extingue o mal, mas apresenta a garantia de dias melhores e de um futuro inigualável paradisíaco.

No tocante aos versículos posteriores (v. 10-16), temos novamente uma mudança de ênfase. O redator/compilador dirige sua atenção à reunião que YHWH realizará dos remanescentes de diversas nações com exclusividade para os desterrados de Israel e Judá. Dito isso, conclui-se que a perícopes em apreço encontra-se bem delimitada em torno do seu tema e compreende os v. 1-9.

Estrutura e gênero literário

Segundo Anderson (apud MA, 1999, p. 158), após décadas de análises críticas ao livro de Isaias, as últimas pesquisas têm voltado sua atenção ao conteúdo

e unidade do livro todo. Isso, contudo, não significa um abandono à velha divisão literária e redacional¹, como ficou conhecida em Proto-Isaías, Dêutero-Isaías e Trito-Isaías². O que ocorre, no entanto, é uma mudança de abordagem e ênfase nas novas pesquisas.

A maioria dos estudiosos (ASTER, 2017, p. 19, 30; ASURMENDI, 1982, p. 17; EIDEVALL, 2009, p. 16; MA, 1999, p. 162, e outros) aponta que Is 11 faz parte de um bloco maior, que compreende os capítulos 1-39, denominado como Primeiro Isaías ou Proto-Isaías. Dentro desse bloco maior, exegetas percebem outros pequenos blocos, de forma que Is 11 tem sido posto dentro do contexto do chamado “Livro do Ymmanuel”, que compreende os capítulos 7-12 (LOURENÇO, 2007, p. 235). Por sua vez, Sweeney (1996, p. 116), em seu comentário sobre a estrutura individual de Isaías, trata os capítulos 10-17 como a Torah em serviço adequado a YHWH. Berges (2012, p. 113) estrutura Is 11,1-9 da seguinte forma: v. 1-5: anúncio da conquista da justiça e da retidão pelo Espírito que dota o rebento; v. 6-8: o retrato dos resultados salutares das relações pacíficas com os animais, o que equivale a uma *restitutio ad integrum* de toda criação; e v. 9: o que conecta a centralização de Israel com o tema dos animais pacíficos, no qual, na primeira parte, YHWH enfatiza a ordem em seu monte santo e a segunda parte, o reconhecimento de toda terra a YHWH.

No entanto, propomos a seguinte estrutura para nossa perícopes:

Is 11,1 – Um descendente (ou uma descendência), como o agente humano da vontade de YHWH, pela dotação do sopro de YHWH.

Is 11,2 – A dotação do sopro de YHWH e sua eficácia.

Is 11,3-5 – O temor de YHWH como mecanismo metodológico para o exercício da justiça em sua abrangência e aplicabilidade.

Is 11,6-8 – Harmonia nas relações do mundo animal e nas relações entre o homem e os animais.

Is 11,9 – A utopia paradisíaca como resultado da extirpação do mal e do conhecimento universal de YHWH.

Quanto ao gênero literário da perícopes, a frequência de *waw consecutivo*, a presença dos verbos hebraicos no tempo futuro e sua mensagem em forma de

1. A conclusão da análise de Anderson (apud MA, 1999, p. 158) é que, hoje, os estudiosos começam a passar da análise para a síntese na interpretação do livro de Isaías. A prática estabelecida de separar o livro em várias partes distintas, cada uma das quais é vista isoladamente do todo está dando lugar a esforços exploratórios para entender a unidade global e a dinâmica teológica da tradição de Isaías.

2. O Proto-Isaías compreende os capítulos 1-39; o Dêutero-Isaías, os capítulos 40-55; e o Trito-Isaías, os capítulos 56-66 (LOURENÇO, 2007, p. 216).

juízo e salvação³ são indícios nítidos de uma narrativa oracular de matriz poética⁴, ou ainda, seguindo o conceito de Fohrer (2007, p. 495), um *oráculo de promessas*.

Coesão

Nossa perícopé possui boa coesão e sua delimitação está bem estruturada em torno de suas personagens centrais e de seus temas principais, a saber: YHWH, o sopro de YHWH, o rebento, justiça, sabedoria e paz.

A perícopé inicia apresentando o agente humano que, dotado(a)⁵ pelo sopro de YHWH, estabelecerá a justiça pela utilização de métodos sábios e termina com os resultados concretos do estabelecimento sábio da justiça, que são a extirpação do mal e de todo mecanismo de corrupção pelo conhecimento universal de YHWH.

O nome de YHWH, a principal personagem de nossa perícopé, aparece por 4 vezes (sendo 2x no v. 2, 1x no v. 3 e, 1x no v. 9). Já o sopro (*ruah*) de YHWH, como aquele que dota o *broto*, ocorre também por 4 vezes, todas no v. 2. Ainda há mais uma ocorrência no v. 3, que está ligada com a sentença justa que sai da boca do *broto*.

Há substantivos adjetivados aos pares que qualificam a dotação do sopro de YHWH, tais como: *sabedoria e entendimento, conselho e força, e conhecimento e temor*, somados aos verbos que demonstram um cenário de julgamento, como *julgará* (v. 3 e 4), *repreenderá* (v. 3 e 4), *ferirá* (v. 4), *matará* (v. 4), além da palavra hebraica para justiça *tsedeq*, que ocorre duas vezes (v. 4 e 5). Tratam-se de expressões obrigatórias para a introdução do cenário de salvação e paz mediante o emprego de outros verbos hebraicos, como, por exemplo: *habitará, deitará, deitarão, pastarão, brincarão, não farão mal, não corromperão*.

Outras palavras e expressões também denotam o cenário de paz. Por exemplo, a referência a uma criança de mama que, sem saber discernir o perigo e/ou ameaça, brinca tranquilamente sob o esconderijo de uma serpente venenosa, sem, contudo, sofrer qualquer dano.

A falta de menção a qualquer personagem real em nossa perícopé dificulta a determinação do seu contexto histórico, bem como a estipulação precisa de uma

3. Sobre esses aspectos, Forher (2007, p. 500) diz que o oráculo profético promissor de salvação é a palavra de salvação que, numa determinada situação concreta de calamidade, anuncia a mudança do destino portadora de salvação.

4. Schwantes (2011, p. 30) considera suas frases como “poéticas”.

5. Acrescentamos o artigo “a” por haver a possibilidade do “reberto”, não se tratar de uma pessoa, mas, talvez, de uma comunidade.

datação para escrita. No entanto, nesse estudo situamos nossa perícopa no tempo em que o rei Ezequias (727-687 AEC) atinge a maioridade (714-687 AEC) e assume efetivamente o reinado de Judá.

Análise semântica

Algumas palavras do texto merecem destaque, nossa atenção e comentário. Entre outras possíveis, apresentamos as seguintes:

a) *Choter*. Significa *ramo, galho, vara, bastão, indicador*. Essa palavra aparece só por duas vezes no AT (Pr 14,3 e Is 11,1) (HARRIS, 1998, p. 453). Segundo VanGemerem (2011, p. 104), ela tem correlação com o ugarítico *ht*, com o significado de *bastão, cetra*, e com o acádico *hattu*.

VanGemerem argumenta que, em Pr 14,3, *choter* parece indicar um crescimento incipiente de orgulho arrogante na boca do tolo. Portanto, um *paralelismo antitético*⁶ ao justo que guarda seus lábios. Já em Is 11,1, a palavra está em uma *hipocatástase*⁷, comparando a nova vida de uma árvore derrubada ao descendente de Jessé que possuirá o sopro de YHWH.

A correlação com o ugarítico fortalece a ideia de que o *ramo* trata de uma personalidade da realeza. Contudo, há dúvidas sobre a questão, uma vez que o texto também faz menção a Jessé, o pai de Davi.

b) *Netser*. Significa *broto, ramo, renovo, rebento*. Harris (1998, p. 994) diz que se trata de um substantivo, que provém de uma raiz árabe, cujo significado é *ser novo, ser radiante, esverdear*. No AT, essa palavra ocorre por quatro vezes. No texto analisado, ela denota o caráter messiânico reconhecido inclusive nos Targumins, na literatura rabínica e nos escritos de Qumran⁸.

A palavra parece fortalecer a ideia de que um mundo novo exige uma nova ordem, como também uma vigente forma de governar, nas quais o agente humano não dita as regras, mas as cumpre e faz cumprir segundo o querer e a vontade de YHWH, o legítimo, verdadeiro e único governante.

c) *Ruah*. Geralmente de gênero feminino, com uma ideia inicial de *ar em movimento, sopro e vento*. A palavra possui uma gama de significados – *espírito, sopro, transitoriedade, volição, disposição, temperamento, mente*. Quando

6. O elemento mais importante da poesia hebraica são os paralelismos. Por “paralelismo antitético” entende-se a designação em que as linhas expressam sentidos e/ou pensamentos opostos, i.e., a segunda linha de um poema reitera a primeira, utilizando para tal um contraste.

7. Trata-se de uma figura de linguagem não muito conhecida. No entanto, faz-se uma comparação, em que a semelhança é indicada diretamente.

8. VanGemerem (2011, p. 821) nos apresenta a tradução de Is 11,1, conforme pode ser encontrado nos antigos Targumins: *E um rei procederá dos filhos de Jessé*.

se refere aos homens, ainda pode significar *respiração ou ar inalado* (HARRIS, 1998, p. 1.407).

A palavra ocorre 387 vezes no AT. Em nossa sugestão de tradução, adotamos “sopro”, embora “*espírito*” também mantenha a ideia do oráculo. Preferimos sopro, pois o agente humano estaria inalando, isto é, inspirando, sugando o sopro (expiração) de YHWH, e assim seria capaz de promover a justiça, a liberdade e a paz no novo mundo.

d) *M^{eri}*. Trata-se de um substantivo que significa *bem alimentado, cevado, ser gordo*. No Oriente Médio Antigo, possui correlação com o ugarítico *mr*, com o acádio *marû*, e com o árabe *maralia* (VanGEMEREN, 2011, p. 1.103).

Vale ressaltar que a única vez em que *m^{eri}* aparece fora de um contexto sacrificial é justamente em Is 11,6 (HARRIS, 1998, p. 873; também VanGEMEREN, 2011, p. 1.104). Talvez, a explicação mais lógica é que em Is 11,6 estamos diante de uma visão sobre uma nova ordem da criação e de um novo mundo. Harris (1998, p. 872) informa que *m^{eri}* ocorre oito vezes no AT e, com exceção de Is 11,6, o uso é para designar gado criado e engordado intencionalmente para servir de sacrifício a Deus. Ele também afirma que alguns são da opinião que, em Is 11,6, *m^{eri}* deva ser lido como *yim^{erû}*, traduzido por *alimentar-se-ão*. Por isso, temos a tradução encontrada na *Versão dos Monges de Maredsons* da seguinte forma: *o touro e o leão comerão juntos*.

Comentário

O chamado de Isaías se deu nos anos 746 ou 740 (SELLIN & FOHRER, 2007, p. 515; ver também LIVERANI, 2008, p. 201), o ano da morte do rei Ozias. Ao que se sabe, ele não era profeta nem mesmo pertencia à chamada *escola de profetas* antes de seu chamado. Ele exerceu sua atividade profética durante os reinados de Joatã, Acáz e Ezequias, numa época de grande agitação política, quando os reis assírios Teglat-Pileser III (745-727 AEC, ou Teglat-Falasar), Salmanasar V (726-722 AEC), Sargão II (721-705 AEC) e Senaquerib (704-681 AEC) tentavam conquistar a Síria-Palestina e avançar até o Egito (SELLIN & FOHRER, 2007, p. 515).

O término de sua atividade profética ainda é uma questão em aberto. Uns acreditam que suas últimas palavras foram ditas em 701 AEC, enquanto outros pensam no ano 698 AEC (LOURENÇO, 2007, p. 234), quando, segundo a tradição, teria sido morto, cerrado ao meio durante o reinado do rei Manassés.

Considerado um profeta duro e não muito cortês, Isaías, como argumentou Lourenço (2007, p. 220), foi um profeta do mundo urbano, um erudito que conhecia a vida social, política e religiosa do seu tempo. Sua atividade profética se deu em torno do palácio real (o centro político e administrativo) e do Templo (o centro religioso de Judá).

Se considerarmos que os oráculos de nossa perícopes são de autoria do profeta Isaías⁹; então, podemos situá-los no período da maioridade de Ezequias (714-698 AEC)¹⁰. Até esse momento, Isaías já tinha visto as consequências expansionistas do império neoassírio na segunda metade do VIII século AEC.

Ele presenciou a guerra siro-efraimita (2Rs 16; 2Cr 27 – 736-732 AEC); viu a queda do Reino do Norte e sua capital Samaria (2Rs 17 – 722/720 AEC); viu o longo e bem-sucedido reinado de Ozias, no qual Judá gozava de paz e certa prosperidade, decair profundamente sob o reinado de Acáz (734-727 AEC), quando Judá se torna um Estado-vassalo da Assíria; viu o período da ascensão de Ezequias que, aos cinco anos, assumiu o trono de Judá, após a repentina morte de Acáz.

Merece nossa atenção a personagem anônima que reinou e governou Judá até Ezequias atingir a maioridade. Nada sabemos sobre ele, seu nome e quem era. Contudo, podemos deduzir que possivelmente era alguém da família real. Lourenço (2007, p. 226) argumenta que esse período foi marcado por relativa tranquilidade, paz e prosperidade. Essa situação muda radicalmente quando Ezequias assume, de fato, o trono.

Isaías presencia a quase destruição de Jerusalém, em meados de 701 AEC, quando Ezequias resolve se rebelar contra a Assíria¹¹. Nesse tempo, Jerusalém foi salva por notícias de revoltas na Assíria (2Rs 18). Entre os anos 732 e 701 AEC, nascem os chamados *oráculos messiânicos*. Acreditamos que nossa perícopes pode ser perfeitamente inserida no ano 701 AEC.

Em Is 11,1¹², o profeta fala de um descendente (ou de uma descendência), que será o agente humano dotado pelo sopro de YHWH, que estabelecerá um

9. Procksch (FOHRER, 2007, p. 517-518) considera que as coleções de Is 7,1-9,6; 11; 10,5-19; 15-23, são coleções dos seus discípulos. A coleção de Is 10-17, junto a outras coleções, para alguns estudiosos faz parte do período da guerra siro-efraimita. Fohrer (2007, p. 525) acredita que Is 1-39 chegou a sua forma atual, em meados do século V, ou até mesmo IV. Para Asurmendi (1982, p. 17), a maioria dos capítulos 1-12 são de autoria do próprio Isaías.

10. Liverani (2008, p. 199) pensa que, talvez, Is 11,1-9 se refira à decepção do profeta com o rei Acáz, em sua campanha pró-assíria ou aos desastres ocasionados ao povo, em razão da campanha antiassíria de Ezequias.

11. Eidevall (2009, p. 191-192) argumenta que, no rescaldo do caso siro-efraimita, Judá tornou-se um vassalo assírio, forçado a pagar pesados tributos. É concebível que a noção de Assíria como um poder opressor e ameaçador cresceu mais forte em Judá, após a queda de Samaria em 722/721 AEC. De uma perspectiva jerusalêmica, o império assírio não podia mais ser considerado como um instrumento útil nas mãos de YHWH. Durante o reinado de Ezequias, várias tentativas foram feitas para receber assistência do Egito na formação de alianças antiassíria entre os pequenos estados vassalos na área. Esse desenvolvimento culminou nos anos 705-701 AEC, com a morte de Sargão. Judá participou em uma revolta que procurou explorar a situação e a retaliação assíria na forma da campanha de Senaquerib, uma campanha que resultou na destruição de uma grande quantidade de vilas e cidades em Judá, embora Jerusalém tenha sido poupada (LIVERANI, 2008, p. 199).

12. Para Mowinckel (apud MA, 1999, p. 33), um número de comentaristas vê o início da unidade em 10,33, presumivelmente devido à repetição das imagens da árvore em 10,34 e 11,1.

reino paradisíaco, sustentado pelas colunas da justiça, sabedoria, equidade, igualdade e paz.

Ressaltamos que a alusão aqui, não é à linhagem davídica. Do contrário, parece evidente certa indignação e até mesmo uma rejeição à dinastia davídica.

Sobre o *rebento*, Schwantes (2011, p. 30) diz que não se trata de um *Davi Redivivus*¹³, como supõem alguns¹⁴; mas de alguém que pertence à família real, pois é das *raízes* de Jessé que crescerá o broto, sobre quem repousará o sopro de YHWH. A ênfase, portanto, está na escolha do desprezível, isto é, na descontinuidade da dinastia davídica.

Isso nos leva ao seguinte questionamento: *A quem está se referindo o profeta?* Seria este oráculo uma inserção dos tempos de Josias? Ou o profeta viu no regente do período da menoridade de Ezequias, um protótipo de governo ideal, tendo como base os atributos de santidade e justiça de YHWH? Visto que é das raízes, que surgirá um broto/rebento, esse broto é uma pessoa ou um povo (o resto/remanescente a que Isaías muitas vezes se refere)? Será que o profeta projetou um novo Ozias?

É difícil se posicionar de maneira segura, mas acreditamos que a referência de Isaías não estava numa personalidade do futuro e, sim, em alguém de seu tempo ou em um povo¹⁵ totalmente submetido à vontade de YHWH. Schultz (2007, p. 72) diz que Ezequias não pode, como alguns pensam, ser o sujeito, pois ele já tinha vindo e, no texto, o *tronco de Jessé* ainda está no futuro – *sairá*.

Para Liverani (2008, p. 2011), as motivações dos oráculos de Is 11,1-9 talvez sejam a decepção do profeta com Acáz e sua campanha pró-assíria ou aos desastres ocasionados ao povo em razão da campanha antiassíria de Ezequias. Fohrer (2007, p. 493) diz que Isaías fala de um broto numa perspectiva semelhante aos profetas cultuais, e aos chamados *nabi*, pois, além de haver um apossamento do sopro, é o próprio sopro quem exerce o principal papel.

O *The New Interpreter's Bible* (1994, p. 140) informa que a dádiva do sopro é comparável à antiga ideia da eleição carismática dos líderes de Israel¹⁶. Para

13. Berges (2012, p. 112) diz que a punição da arrogância da Assíria não significa que isso resulte em um renascimento davídico, pois, juntamente com a Assíria, os altos escalões da casa real também caíram. O futuro não está em um *Davi Redivivus*, mas, no rebento das raízes de Jessé. Baseado na expressão *repousará*, H. Ringgren (MA, 1999, p. 37) percebe uma alusão a 1Sm 16,13, no qual Davi é ungido rei por Samuel.

14. Schultz (2007, p. 72) admite que a característica marcante está no rebento de Jessé, isto é, no pai de Davi. Daí, ele conclui que isso implica que Davi é o esperado.

15. Berges (2012, p. 116) vê como motivo da paz animal em 11,6-8 as questões da ordem socioeconômica justa que governará Sião sob a liderança da comunidade. As diferenças são superadas no sentido de obter a ordem original de criação livre da violência; não só haverá paz entre a humanidade, mas também no mundo animal (6-7) e entre humanos e animais (8).

16. O *The New Interpreter's Bible* utiliza o termo “espírito” e não “sopro”.

Asurmendi (1982, p. 72/73), é inegável que, no texto de Is 11,1-5, trata-se de uma personagem régia, pois nele são descritas características da função régia, tais como: piedade, sabedoria e exercício da justiça.

Diante disso, Asurmendi entende que estamos diante de plena ideologia régia. Sweeney (1996, p. 116) também considera que o rebento se trata de uma referência a uma personalidade real. No entanto, Sweeney considera uma referência a Josias e à sua campanha expansionista e tentativa de unificar Israel e Judá.

O v. 2 parece denunciar a falta de confiança dos reis davídicos em YHWH. Também é uma nítida acusação à aculturação da ideologia assíria¹⁷ por partes das elites e da realeza. Para Isaías, essa aculturação era a causa dos problemas sociais, das injustiças, dos abusos e luxos extravagantes praticados pelos dominadores em suas cobiças sem medida. Tudo isso era o resultado da falta do conhecimento de YHWH.

Aster (2017, p. 234) argumenta que, diferentemente de Is 10,20-23, Is 11,1-10 descreve o impacto da queda da Assíria ao estabelecer uma nova ordem política em Judá. Em vez de depender de reis vassallos, Judá terá seu próprio rei, cujas diferenças em relação à Assíria são destacadas nesses versículos. Pode não ser exagero descrever o rei messiânico, aqui, como uma representação antiassíria¹⁸.

Os v. 3-5 encerram o primeiro bloco de nossa perícopes informando-nos da eficácia e das qualidades que a dotação do sopro de YHWH proporciona. É aqui que a teologia do redator/compilador fica evidente. O poema nos conduz à expressão *temor de YHWH*, sem o qual a utopia do futuro paradisíaco será impossível de acontecer. Claro que, na perspectiva de Isaías, esse futuro é certo, pois é o próprio YHWH que o estabelecerá.

O aspecto teológico pressupõe o antigo ideal carismático da liderança aplicada à figura dinástica real. O sopro de YHWH dota o rei com três pares de dons, cada um descrito como o “sopro de”: *sabedoria e discernimento, conselho e poder, conhecimento e temor do Senhor*. Essas são as credenciais do governante ideal (*The New Interpreter's Bible*, 1994, p. 139-144).

17. Segundo Lambert (ASTER, 2017, p. 11) o deus Assur era a cidade de Ashur deificada, isto é, ele era idêntico a sua cidade, e ao estado que evoluiu a cidade. Em outras palavras, ele mudava seu papel de acordo que a natureza da cidade mudava. Por exemplo, quando os cidadãos se tornaram imperialistas militares, Assur tornou-se o deus da guerra (SCHWANTES, 2011, p. 29).

18. Schwantes (2011, p. 29) afirma que não se deve ler Is 11 sem ter consciência o quanto nele se fomenta a oposição à Assíria. Levine (ASTER, 2017, p. 19) observou que no final do século VIII o imediatismo e a força inescapável da ameaça assíria exigiam uma ideia divina suficientemente ampla para chegar ao império. Portanto, Isaías primeiro expôs exatamente esse conceito pela primeira vez na literatura bíblica, como se pode ver em passagens de Is 1-39, onde se imputam atributos como invencibilidade e domínio universal a YHWH, ao mesmo tempo em que fazem referência direta aos temas assírios que os concedem a Assur e seu rei

Aliás, dotado por essas características à luz do sopro, o rebento vê mais profundamente do que a superfície e será capaz de assegurar aos pobres e fracos proteção geral sobre a lei. Os assuntos principais do julgamento serão, portanto, os necessitados e os menos favorecidos, geralmente os de menor interesse para as classes dominantes.

Os v. 6-8, para Ma (1999, p. 34), são a descrição de um mundo mitológico paradisíaco. O governo é de YHWH, mas o seu agente é humano, cujo efeito é descrito de duas formas (1999, p. 42): (a) administração da justiça e retidão envolvendo o julgamento dos maus e perversos; e (b) a paz paradisíaca entre o mundo humano e animal, texto anexado posteriormente.

Esses versos finais complementam o anúncio do reino restaurado, assegurado pela presença do próprio YHWH. Com isso, a nossa perícopes apresenta o que parece ser recorrente nos oráculos de Isaías, isto é, o plano de YHWH para uma nova ordem universal, em razão do seu caráter de julgamento e restauração, conectado às ideias de paz e segurança.

Aqui, as incompatibilidades e oposições são eliminadas. Dois aspectos são destacados e estão em plena conexão com os v. 1-5. O primeiro é a extirpação do mal, e o segundo, o pleno conhecimento de YHWH. Logo, o mundo animal não reagirá, nem se relacionará baseado em seus instintos. A caracterização de predador e presa inexistirá, bem como toda e qualquer sensação de perigo e ameaça. Uma palavra que exemplifica muito bem este mundo utópico de Isaías é *netser*, indicando um gado cevado pronto para o abate, isto é, para servir como sacrifício. No entanto, no mundo perfeito idealizado por Isaías, a morte inexistirá, pois o gado pronto para o abate come relva ao lado do carnívoro leão. Aliás, merece destaque esse fenômeno vegetariano como marca das relações de sobrevivência no mundo utópico de Isaías. Algo semelhante encontramos na narrativa da criação de Gn 2.

Vemos, assim, que os v. 6-8 apontam para uma ordenação socioeconômica, socioambiental e cultural em Sião ou Monte Santo. Não haverá mais violência nem a presença do mal. Assim, a relação entre Deus e os homens será restaurada, bem como a relação entre homens e homens, homens e animais, e entre animais e animais¹⁹.

Concluindo nossa perícopes, o v. 9 indica o segredo do sucesso idealizado na perspectiva visionária de uma utopia paradisíaca nos seguintes termos: (a) extirpação do mal e de toda espécie de corrupção; (b) pleno conhecimento de YHWH e; (c) total submissão e sujeição a YHWH.

19. Aster (2017, p. 235) acredita que o imaginário animal, aqui, pretende ilustrar não apenas mudanças nas inclinações animais e humanas, como também reconhecimento de um soberano que não permite que alguém prejudique os outros. A correlação entre as ameaças representadas por animais viciosos e o reconhecimento de um soberano pode ter suas origens na instituição assíria da caça aos animais.

Dessa forma, a administração da justiça, da retidão, da equidade e da paz no reino restaurado será garantida pela presença do próprio YHWH. Sobre isso, Ma (2009, p. 183) argumenta que o efeito envolve não apenas a realização da justiça e da retidão, como também características paradisíacas misteriosas e universais. Assim, a visão da nova ordem apresentada nos v. 6-8 tem no v. 9 a conclusão da unidade como um todo.

Quanto à relação de nossa perícopes com Is 65,25, os estudiosos são quase unânimes em afirmar que se trata de uma inserção do período pós-exílico. Williamson (ASTER, 2017, p. 30) afirma que Is 65,25 é uma citação de material anterior do período pré-exílico, isto é, de Is 11,6-9²⁰.

Berges (2012, p. 471) fala que Is 65,25 é uma retomada de Is 11,6-9, o ápice da descrição da Nova Jerusalém. Berges (2012, p. 478) ainda acrescenta que a confiança de Is 65,25 em Is 11,6-9 para expressar as condições futuras de salvação caracteriza o texto não como um apocalipse de estilo apocalíptico, mas como uma conclusão deliberada para o verdadeiro sujeito de Is 65, onde o próprio YHWH separa o Israel de Israel e faz separação entre os pecadores e seus servos. Heskett (2011, p. 118) fala que Is 65,25 quer deixar claro o ponto de vista de uma esperança messiânica ao retratar o quadro de um messias davídico citando Is 11, indicando que tal expectativa não encontra cumprimento no papel anterior de Ciro.

Embora apoiemos a teoria de que nossa perícopes é um oráculo do período pré-exílico, e que Is 65,25 a tenha retomado, estamos cientes que o debate ainda está em aberto. Eidevall (2009, p. 17), por exemplo, argumenta que houve grande revisão e expansão do material redacional do VII século AEC, durante o reinado de Josias. Ele afirma ainda que algumas passagens de Is 1-39, também devem ser datadas como sendo do período exílico.

Atualização

Os ideais simbólicos e utópicos existentes em Is 11,1-9 se situam e se encaixam perfeitamente nas experiências de fé das comunidades e igrejas latino-americanas. A assimilação se dá, de maneira especial, quando se busca o resgate de uma leitura bíblica popular que envolva e contemple as lutas, os anseios e resistências dos pobres, dos desvalidos e dos menos favorecidos, ao lembrar de suas vidas sofridas e suas buscas por dias melhores e iguais, sob o auspício utópico de um futuro melhor.

O texto inspira a propor um método de leitura bíblica que visibilize os invisíveis, socialize os marginalizados, inclua os excluídos, ache os perdidos, pro-

20. Ma (2009, p. 162) também atribui Is 1-39 para o século VIII AEC. Francisco (2009, p. 2) classifica o período histórico da língua hebraica de Is 1-39 como o hebraico pré-exílico ou hebraico clássico.

mova encontros e reencontros consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus. Não se trata apenas de uma apreciação “com” e a “partir de”, e sim de resgatar as raízes místicas de uma espiritualidade contemplativa e profética possível, capaz de manter viva a fé e a esperança que anseiam por uma vida abundante, em um mundo melhor.

Atualizar os símbolos utópicos paradisíacos da narrativa de Is 11,1-9 para os nossos dias é atender ao clamor suplicante por unificação, pacificação e relação justa não apenas entre homens e homens, homens e natureza, homens e Deus. Significa mais: a extirpação definitiva de toda forma de controle, dominação, subalternização e o desmantelamento do ciclo vicioso de empoderamento. Essas estruturas de dominação nos dão a sensação em forma de mistério, que os elementos de criação e recriação vivem um eterno processo de descontinuidade continuada, como que em uma terra infinitamente *sem forma*, submersa em *densas trevas* à beira do seu total esvaziamento.

O problema é que pensamos que o princípio está longe de nós, que o momento inicial de beleza não é nosso, que o momento da criação em que “tudo era bom” já está demasiadamente distante para ser recuperado. Pensamos que esse corpo de belezas e delícias é apenas dos mitos do passado, e não no nosso presente. O que nos resta é apenas o “corpo de pecado”, como herança, como sinal, como culpa original. O que mais nos marca é essa “queda” contada, queda do alto, sem remissão aparente. O que nos marca é essa divisão que se abriu em nós, essa cicatriz sempre sangrando porque os deuses continuam brincando sobre ela, e não encontramos mais bálsamo cicatrizante (GEBARA, 1996, p. 38 – *tradução nossa*).

É em meio a essa torrente de incertezas, ceticismo, aberturas, marcas e feridas de nossa existência, que os símbolos proferidos por Is 11,1-9 nos estimulam a acreditar no ser humano como o único agente em cooperação participativa com Deus. Nessa imagem, o ser humano é entendido como capaz de mudar e transformar o mundo pela inalação do *sopro de YHWH* que, assim como no início, traz vida, faz-nos *ser vivente* pronto para estabelecer, implantar e executar a justiça, a equidade, a igualdade e a paz, por meio da sabedoria e entendimento, conselho e força, conhecimento e temor de YHWH, dando-nos pleno conhecimento de si mesmo, do outro e de Deus em todos os níveis de relacionamento.

Considerações finais

Estudamos na seguinte perícopes um dos grandes oráculos que comunica esperança em tempos de crise política, ideológica, social e religiosa. Que pesem as dificuldades impostas pelo próprio texto, como, por exemplo, saber a quem Isaías se refere exatamente ao falar do *broto/rebento* de Jessé, como o agente humano a quem YHWH dotará com o seu sopro. Essas e outras questões ficam em segundo

plano, quando voltamos nosso olhar para o anúncio do mundo paradisíaco idealizado por Isaías.

Quanto à dotação pelo sopro de YHWH, isso parece ser uma reminiscência ao sistema de liderança pré-monárquico, em que YHWH era o legítimo governante do seu povo, enquanto os seus líderes humanos eram seu instrumento de libertação e salvação.

A ideia e o anseio por um mundo universal paradisíaco, estabelecido e sustentado pela presença de YHWH, por seus atributos (justiça, equidade, sabedoria) e seu agente humano, bem como a garantia de segurança e paz, assegurada pela extirpação do mal e de toda modalidade de corrupção, mediante o conhecimento universal de YHWH, não apenas demonstram os pilares teológicos de Isaías, mas também seus anseios e esperança por dias melhores.

Merecem nossa atenção as questões de ordem político-sociais contidas em nossa perícope. Isaías denuncia e critica a assimilação da ideologia assíria pela realeza e elites jersalemitas. O profeta, ou talvez uma mão posterior, também demonstra sua insatisfação e decepção com a linhagem davídica, pois destaca que o rebento, a quem YHWH dotará com o seu Espírito, não provém de Davi, mas de um descendente de seu pai, Jessé. Esse agente humano não age por si mesmo, mas segundo as capacidades do sopro de YHWH. A ideia central aqui, portanto, é destacar o governo teocrático de YHWH.

Para Isaías, o estabelecimento da paz só pode acontecer quando a justiça sábia e reta alcançar e assistir os fracos, os pobres, os desvalidos e os menos favorecidos. Quando a superação das diferenças e incompatibilidades entre os homens, entre os homens e os animais e entre o mundo animal, somados à extinção do mal e da corrupção, culminarem no pleno conhecimento de YHWH.

No aspecto teológico-prático, o vislumbre visionário de Isaías da utopia de um mundo paradisíaco; sua coragem em denunciar e criticar as estruturas opressivas, dominadoras e extravagantes do seu tempo; sua percepção e sensibilidade intelecto-espiritual, capaz de lhe fornecer uma leitura e interpretação crítica, tanto de sua realidade quanto da realidade do outro; e o ardor firme e encantador de sua mensagem em meio aos dias sombrios e tenebrosos de sua época, ecoam em nós como força motivadora para continuar nossa luta, em busca de esperança e paz, pela prática da sábia e reta justiça que, na perspectiva de Isaías, é concedida por YHWH.

Omar João da Silva

Referências

ASTER, ShawnZelig. *Reflections of Empire in Isaiah 1-39 – Responses to Assyrian Ideology*. Atlanta: SBL Press, 2017.

ASURMENDI, J.M. *Isaías 1–39*. São Paulo: Paulinas, 1982.

BERGES, Ulrich F. *The Book of Isaiah – Its Composition and Final Form*. Inglaterra: Sheffield Phoenix Press, 2012.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. São Paulo: SBB, 1997.

EIDEVALL, Göran. *Phophecy and Propaganda – Images of Enemies in the Book of Isaiah*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2009.

FRANCISCO, Edson Faria. *Língua hebraica: Aspectos históricos e características*. São Bernardo do Campo, 2009.

GEBARA, Ivone. El gemido de la Creación y nuestros gemidos. In: *RIBLA*, n. 21. Quito – Equador, 1996, p. 35-45.

HARRIS, R. Laird et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HESKETT, Randall. *Reading the Book of Isaiah – Destruction and Lament in the holy cities*. Nova York: PalgraveMacmillan, 2011.

LIVERANI, Mário. *Para além da Bíblia – História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2008.

LOURENÇO, João Duarte. *História e profecia – O mundo dos profetas bíblicos*. Lisboa: Universidade Católica, 2007.

MA, Wonsuk. *Until the Spirit Comes – The Spirit of God in the Book of Isaiah*. Inglaterra: Sheffield Academic Press, 1999.

SCHULTZ, John, 2007. *Commentary to Book of Isaiah*, 2007.

SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação – Estudos exegeticos em Isaías 1–12*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SELLIN, E. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Vol. II. São Paulo: Paulus e Academia Cristã Ltda., 2007.

SWEENEY, Marvin A. *Isaiah 1-39 with an Introduction to Prophetic Literature*. Cambridge UK: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

The New Interpreter's Bible. Vol. VI. 1994, p. 139-144. Abingdon Press.

VanGEMEREN, Willem A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. Vol. III. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.